



**PEDRO BANDEIRA  
GUIDO CARLOS LEVI**

# **MELODIA MORTAL**

**SHERLOCK HOLMES INVESTIGA  
AS MORTES DE GÊNIOS DA MÚSICA**



**FÁBRICA231**

# CAPÍTULO 1

## NECESSÁRIA *OUVERTURE*

Meu nome é John H. Watson, M.D.

Tornei-me conhecido em todo o mundo escrevendo histórias dos outros. Na realidade, de *um* outro, o meu amigo Sherlock Holmes. Como testemunha, sempre estive presente em suas aventuras, mas é provável que minha figura não tenha sido marcante para os leitores, ofuscado que sempre fui pela imagem do meu biografado. No entanto, se alguém encontrar estes manuscritos, talvez não se importe de conhecer um pouco da vida de quem popularizou o morador que fez famosa a então desconhecida Baker Street, 221B.

Depois de graduado em Medicina, em 1878, segui para a Índia como cirurgião assistente do Quinto Regimento de Fuzileiros de Northumberland e, sob o comando do Brigadeiro George Burrows, fui enviado à linha de frente da Segunda Guerra Anglo-Afegã. No meio daquele verdadeiro açougue, desafortunadamente acabei baleado e abandonado numa trincheira, à beira da morte.

Há controvérsias sobre o meu ferimento. Recordo-me de informar ter sido atingido no ombro pela bala de um mosquete afegão que teria me fraturado o osso e roçado minha artéria subclávia, como está no prefácio para *O signo dos quatro*. Às vezes, porém, a bala que estaria alojada em minha perna como relíquia da campanha do Afeganistão me lateja persistentemente, como registrei no conto *O nobre solteirão*. Onde fui efetivamente ferido? Bom, faz tanto tempo... Quem se lembra?

A verdade é que, qualquer que tenha sido a região atingida de minha anatomia, o certo é que, ainda sangrando depois do incidente, quase caí nas garras dos ferozes *ghazis*, fanáticos degoladores do ainda mais feroz Emir Ayub Khan. Felizmente, com a ajuda de meu ordenança, acabei conseguindo fugir e recuar para as linhas britânicas. Depois de uma longa convalescença no hospital de base de Peshawar, meus ferimentos e minha extrema debilidade acabaram provocando-me uma precoce aposentadoria como médico militar.

Já devolvido a Londres, eu estava entre os veteranos do Bar Criterion, em Piccadilly Circus, olhando desanimado para um *pint*<sup>1</sup> de cerveja morna à minha frente e tentando imaginar como seria meu futuro, quando um novo e extraordinário destino abriu-se para mim: eu justamente estava em busca de um lugar para morar e informaram-me que havia um jovem à procura de alguém para dividir o aluguel de ótimos cômodos numa confortável residência em Westminster, no distrito de Marylebone, na tranquila Baker Street, 221B.

Com esse acaso da fortuna, desta vez todas as aventuras pelas quais eu anteriormente passara acabaram por mostrarem-se mesquinhas perto das situações fascinantes que eu haveria de testemunhar: o outro inquilino chamava-se Sherlock Holmes.

Sherlock Holmes! Ao registrar suas aventuras em vários livros e torná-lo mundialmente famoso, sei que houve quem me acusasse de parcialidade, de exagerar seus feitos por narrá-los através de um óculo que superamplificaria as características da personagem. Mas posso garantir que essas suspeitas passam longe da realidade. Sempre tive o cuidado de ater-me ao frio relato dos fatos, pois,

---

1 Certa vez, no continente, acho que em Berlim, pedi um *pint* de cerveja e o homem do balcão não entendeu. No final, descobri que para eles isso seria uma caneca contendo o que eles chamam de quase meio litro, vejam vocês, que coisa mais confusa! Não é mais fácil dizer *pint* e pronto?

como afirma o próprio Holmes, os fatos são superiores aos sonhos.

Sim, Holmes é um ferrenho adepto da lógica, mas não é um racionalista comum. Sua capacidade de apreender a realidade pode ser comparada à anamnese do mais criterioso dos professores de Medicina diagnóstica. Se um médico é treinado para atentar aos menores sinais, aos mais insuspeitos sintomas do organismo de um paciente, Holmes tem a capacidade de espreitar sua visão por todo o cenário que envolve uma cena de crime, como se esta fosse um corpo vivo, pulsante, à espera que seja extirpado o responsável por perturbar-lhe a vitoriana tranquilidade. Holmes consegue desmascarar a falsidade de uma declaração observando o tremelicar dos lábios do culpado com a mesma desenvoltura com que eu meço o estado febril de alguém com um desses modernos termômetros de mercúrio. Ele é capaz de detectar a personalidade de um assassino nas cinzas de um charuto como eu posso auscultar batimentos cardíacos através do chifre de nelore que trouxe de Bombaim. Ele pode avaliar o caráter impulsivo de um meliante pelo simples decalque de um pé no tapete da lareira, como eu diagnostico um falecimento ao *não* ouvir batimentos cardíacos do outro lado do meu chifre de nelore.

Não, não sou dado a hipérboles: pois Holmes é capaz de diagnosticar a realidade e extirpar dela o cancro do crime com a mesma facilidade com que eu pude serrar

tantas pernas e braços de britânicos e de *siks* durante a fatídica batalha de Maiwand. A mente privilegiada de Sherlock Holmes foi a grande virada que transformou minha existência insípida no vibrante papel de testemunha de um gênio em ação.

São tantos os meus registros de suas façanhas na luta contra o crime, que às vezes me esquecem detalhes de sua perspicácia até em ocorrências banais de nosso dia a dia, como naquela ocasião em que, depois de nosso café da manhã, eu não conseguia encontrar minha espátula para abrir os envelopes da correspondência recém-trazida pela senhora Hudson:

– Ora, Watson, por que não procura na copa?

– Na copa, Holmes? Mas como minha espátula poderia ter ido parar na copa?

– Muito simples, Watson. Você não se lembra de a senhora Hudson ter quebrado os óculos ontem, ao debruçar-se sobre a lareira? E não notou como estavam amassadas, mal cortadas, as fatias de pão com geleia que ela nos serviu hoje pela manhã? Isso só pode ter acontecido por ela não ter percebido que estava a fatiar a bisnaga de pão com uma faca sem corte, como a sua espátula!

Eureka! Como raciocínios tão simples nunca me ocorriam? Na verdade, acabei encontrando a espátula caída atrás da almofada da poltrona, e a senhora Hudson tinha um par de óculos de reserva, mas o raciocínio lógico de Holmes tinha sido mesmo de deixar-me de boca aberta.

E o que dizer de suas deduções até mesmo acerca de eventos do passado que até hoje permanecem mergulhados em mistério?

– Eu não preciso ter estado presente ao ato de um crime, Watson – explicava-me ele. – Basta que me sejam relatados dois detalhes da ocorrência, ainda que separados e distantes, mesmo que do passado, para que a lógica do meu raciocínio trace a linha reta que unirá esses dois pontos e me apontará o culpado.

Que prodígio! Com respeito a esse inacreditável aspecto da inteligência de Sherlock Holmes, às vezes voltam-me à memória incríveis revelações que somente aquela mente privilegiada seria capaz de produzir. Além de criador da moderna criminalística dedutiva, além de excelente químico, exímio esgrimista e elegante boxeador, Sherlock Holmes era um amante e um especialista da bela música. Poderia ter sido um famoso crítico, mas, para mim, bastava-me que ele fosse um dos melhores violinistas que já tive o prazer de ouvir. A senhora Hudson, que nada entendia de música, às vezes se queixava dos *fin-fin-fins* e *rec-rec--recs* que ela alegava serem emitidos pelo violino de Holmes e, durante alguma de suas performances, no piso do andar que ocupávamos, ouvíamos e sentíamos as batidas de protesto do cabo de sua vassoura no teto do andar inferior, demonstrando que sua ignorância a respeito do virtuosismo do meu amigo era realmente de espantar.

Nada exagero e em nada pretendo adicionar os coloridos de minha própria imaginação, pois me bastam as voltas e reviravoltas da mente cartesiana de Sherlock Holmes. Como exemplo do que afirmo, lembrarei as lições que aprendi num inesquecível entardecer em minha casa e consultório na Paddington Street, a apenas três quarteirões a leste da famosa residência que dividi com meu amigo. Para ali eu me mudara havia menos de um ano depois que um juiz de paz transformara a bela Mary Morstan na senhora Mary Watson, minha doce lembrança da aventura que eu tornei famosa com o título *Um estudo em vermelho*. Essa mudança naturalmente fazia com que muitas vezes se passassem semanas sem que eu desse um jeito de voltar à tranqüila Baker Street, 221B para uma visitinha ao meu amigo Holmes.

Aquela que ora narro foi mesmo uma tarde especial – vejo que em meus apontamentos estávamos em inícios de dezembro de 1890 – em que o talento musical de Holmes revelara-se em sua plenitude.